

**LINO DE ALBERGARIA**

Ilustrações: Filipe Rocha



# **BEM-VINDOS À CASA DA NEBLINA**



**LINO DE ALBERGARIA**

Ilustrações: Filipe Rocha



# **BEM-VINDOS À CASA DA NEBLINA**



1ª edição

Conforme a nova ortografia

 **Atual**  
Editora

## Lista de personagens

Carlos Bruno (Cacau) – aluno

Zara (Zazá) – aluna e irmã de Gigi

Gisele (Gigi) – aluna e irmã de Zara

Dona Dolores – diretora da escola

Íris – aluna

Charles – aluno

Paulo Sérgio (Pimba) – aluno e irmão gêmeo de Úrsula

Úrsula – aluna e irmã gêmea de Pimba

Nicolau (Niquinho) – aluno

Eustáquio (Taquinho) – aluno

Sônia Regina (Naná) – aluna

Gumercindo – motorista do ônibus escolar

César Confeiteiro – pai de Jadico e Lucas

Jáider Ulisses (Jadico) – aluno e irmão de Lucas Lauro

Lucas Lauro – aluno e irmão de Jadico

Cacilda Lampedusa – atriz e ex-colega de Dolores

Pássaro dos sonhos

Borboletas

Joaninhas

Elefante

Divino Milagres – médico, alquimista e ex-colega de Dolores

Girafa

Zebra

Genoveva (Veva) – dona da pousada e ex-colega de Dolores

Hildegardes (Hilde) – ajudante de Veva



Excursão! E, ainda por cima, dormindo fora de casa! A turma (quase toda) tinha adorado a ideia da diretora Dolores.

Ela e os alunos iriam, de ônibus, visitar um parque ecológico e passar a noite em uma pousada que, tempos atrás, havia sido uma escola. Essa pousada ficava numa cidade bem antiga, conhecida pelas velhas construções.

Enquanto a diretora resolvia alguns problemas na secretaria, a meninada esperava na sala a hora de partir, com as mochilas prontas, cada um em sua carteira.

– Aposto que vamos parar numa casa assombrada! – disse, lá de seu lugar, Carlos Bruno, o Cacau, dono de muita imaginação.

– A cidade inteira deve ser cheia de fantasmas! – Zara, mais conhecida como Zazá, sentada logo atrás, não poderia deixar por menos.

Mas a irmã dela, Gisele, a Gigi, quis trazer os colegas de volta à realidade:

– Você mal ouviu falar dessa cidade, Zazá, e aposto que você, Cacau, não sabe nada dessa pousada.

– É um antigo colégio de freiras. A dona Dolores estudou lá quando menina! – Íris falou, mostrando-se bem informada.

– O fato de ser velha não quer dizer que tenha fantasmas ou assombrações! – comentou Charles.

– Pelo contrário! Fantasmas e assombrações adoram tudo o que é velho, principalmente casas, ruínas... – contestou Paulo Sérgio, o Pimba, que adora histórias de lobisomens, fantasmas e vampiros.

– E cemitérios! – acrescentou Úrsula, a irmã do Pimba, bastante influenciada pelo garoto, que, por sinal, era seu gêmeo.

Nicolau, o Niquinho, trocou um rápido olhar com Eustáquio, o Taquinho, seu amigo inseparável. Nem precisavam falar o que estavam pensando: “Quanta bobagem!”.

Dessa maneira, a turma estava dividida em relação à excursão. De um lado, os empolgados com a possibilidade de conhecer um local que poderia abrigar lendas e histórias fantásticas. Faziam parte desse grupo os imaginativos, Cacau e Zazá, e os adeptos de casos macabros, os gêmeos Pimba e Úrsula. Do outro, apenas antecipando o prazer de viajar, estava a maioria, a começar por Gigi, sempre disposta a discordar da irmã, além de Íris e Charles, bem ligados no mundo real, e Niquinho e Taquinho, que se achavam muito espertos para se importar com assuntos que consideravam bobos.

Só uma pessoa se mantinha desinteressada: Sônia Regina, a Naná, que tinha grande preguiça de sair da cidade. Ela continuou desenhando e colorindo um vestido que gostaria de ver numa vitrine do *shopping*. Planejava ser estilista e ficava um pouco decepcionada com os colegas, que consideravam meio malucas as roupas que ela criava. Apenas Pimba e Úrsula demonstravam algum interesse e a aconselhavam a desenhar figurinos para roqueiros. Naná não se entusiasmava com o conselho, não queria limitar suas ideias. Acreditava que, um dia, o mundo inteiro iria acompanhar seu jeito de ver a moda.



O fato é que ninguém estava muito interessado no parque ecológico. Ali eram todos bem urbanos. Ninguém gostava de sujar os tênis na terra. Não sentiam grandes emoções diante de bichos, a não ser pelos cachorrinhos que um ou outro tinha em casa e que as meninas adoravam vestir com roupinhas bem parecidas com as de suas bonecas. Muito menos sabiam os nomes das árvores ou das flores. Pouco se importavam em distinguir as flores cultivadas em jardins das que nascem no mato. Paisagens bonitas eram as que viam nos filmes, talvez as únicas em que prestavam atenção.

Íris já havia ido a uma fazenda. Lembrava-se de vacas, porcos, chuva, esterco. E de muito, muito mosquito. Embora não tivesse certeza se fazenda e parque ecológico eram coisas parecidas, algum tipo de semelhança deveria existir, mas ela nada comentou com os colegas.

O ônibus chegou à escola. Os alunos foram chamados pela diretora e, animados, deixaram a sala. Um a um, eles entraram, cumprimentaram o motorista Gumercindo e correram para se sentar no melhor lugar – uma janela, de preferência. Dona Dolores ficou por último, contando os passageiros. Assim que ela se sentou, perto do motorista, a porta se fechou e teve início a viagem. Em mais alguns minutos, estavam na estrada.

Mal tinham percorrido os primeiros quilômetros, passaram a ser seguidos por uma estranha *van*, muito colorida e que buzinaava com insistência. Gumercindo teve de parar no acostamento, quando foi ultrapassado pelo outro veículo. Um motorista muito impaciente lhe fazia sinais, enquanto esbravejava palavras incompreensíveis.

– Será um assalto? – perguntou Úrsula.

– O ônibus vai ser sequestrado! – Zazá gritou apavorada.

– Calma, gente! Estou reconhecendo o seu César – falou dona Dolores.

– Quem é o seu César? – quis saber Gigi.

O homem desceu da *van*, ainda muito nervoso. Naná observou os desenhos de doces e bolos estampados no veículo, em que se lia “César Confeiteiro” acima de um número telefônico e de um endereço de *e-mail*.